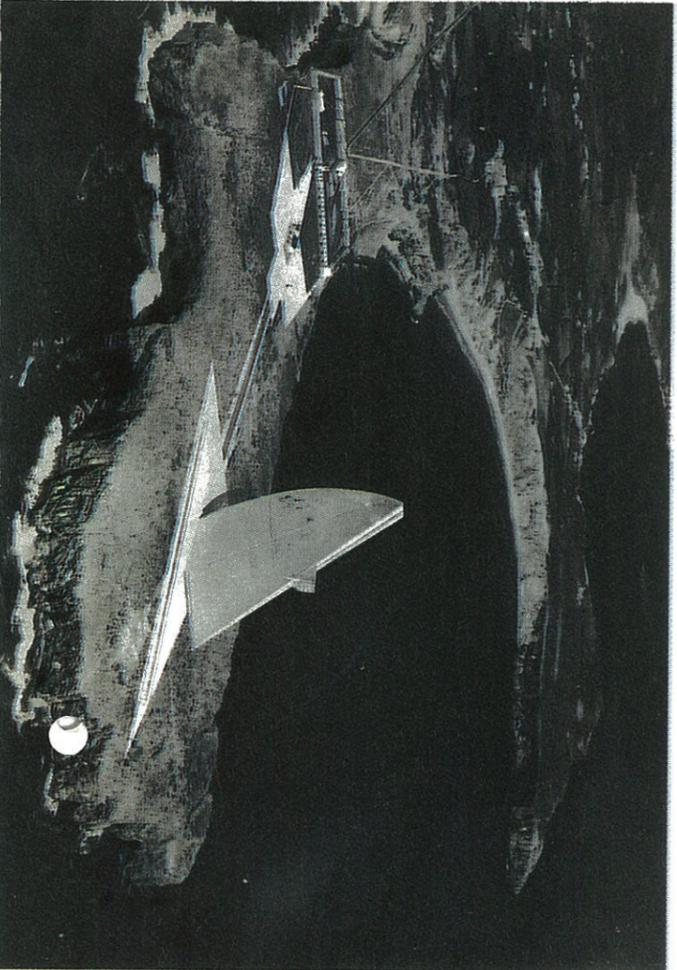
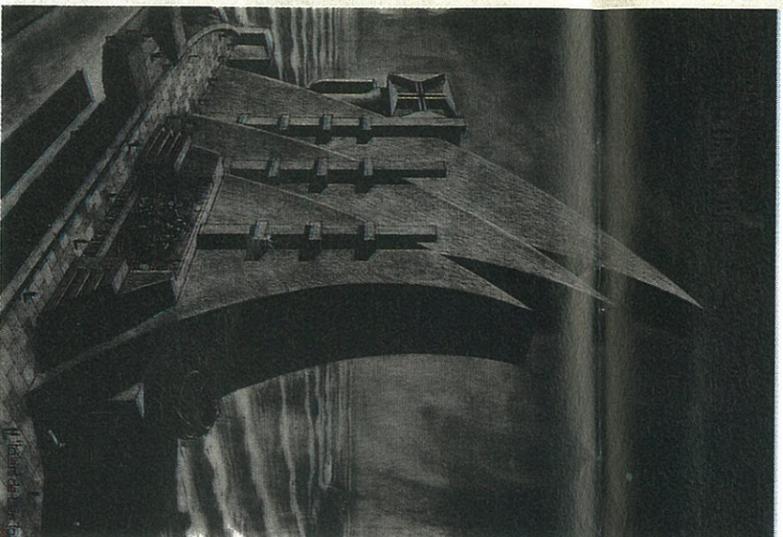


Bloco da esquerda:
fotomontagem de Cassiano,
de 1967, para projecto
de homenagem a Nuno Alvares
Pereira no seguimento
das Ruínas do Carmo;
e projectos para estátuas
em honra ao Infante D. Henrique
no promontório de Sagres,
datados respectivamente
de 1933 e 1955. Tendências para
a monumentalidade nacionalista
em distintas épocas.
Bloco da direita: O Capitólio (26)
de Cristiano da Silva; Garagem
do Comércio do Porto (28)
de Rogério de Azevedo; Instituto
Nacional de Estatística (35)
de Pardal Monteiro; e Casa
da Moeda (35) de José
Segurado: obras da primeira
geração de arquitectos
modernos



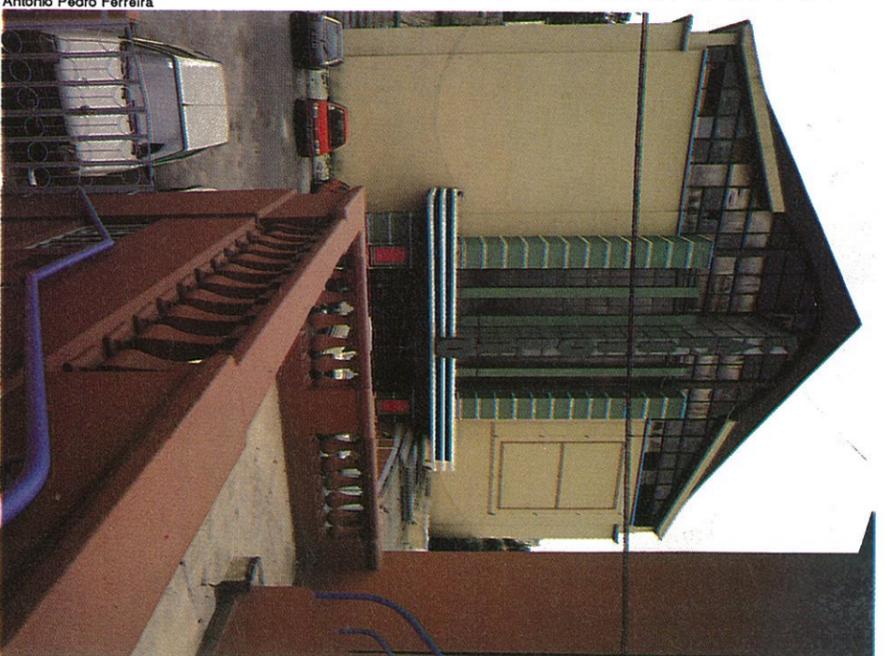
➤+ que aproveitasse a evolução tecnológica revelada nos materiais de construção, «respeitando-os»; a produção em série capaz de embatarecer custos, resolvendo problemas sociais da habitação; e uma estética que, sendo condicionada pelas funções que cada projecto visava suprir, se caracterizasse por uma certa nudez, em oposição aos rocócs da arquitectura tradicional — estas algumas das razões para a vaga internacional desta arquitectura da «verdade», fortemente marcada pela influência do cubismo, mas que acabou por assumir expressões muito diversas entre si. A menor das suas consequências não foi de certo o facto de ter lançado os fundamentos do urbanismo contemporâneo.

De qualquer modo, a primeira geração portuguesa de modernistas, formada no academismo de uma escola de Belas Artes desactualizada, teve muito pouco contacto com o pensamento teórico que se produzia em França, na União Soviética onde pontificavam correntes futuristas. Umhas visitas — por exemplo até 1934, Cassiano esteve em Paris (duas vezes), Amsterdão e Londres — deram para apanhar no ar as novidades mas não para as sedimentar. Neste contexto de isolamento o que eles fizeram foi muito. O bastante para que um epígono do Estado Novo se atirasse «aos caixotes de Moscovo e Munique» que pululavam em Lisboa.

Os jovens arquitectos projectavam «ao contrário de todas as regras», reconhecia um deles, Cristiano da Silva, que acenhava ser preciso «resolver tudo como se fosse a primeira vez». Não espanta por isso que também se tenham estampado algumas vezes.

Apesar das conversas sobre a funcionalidade, Cristiano da Silva projectaria uma notável peça, o Liceu de Beja, sem ter em consideração os mais elementares cuidados com a luz e o clima alentejanos. Os «caixotes» deixavam marcas, também de percepção. No fundo, eram simples embalagens em confronto com os hábitos culturais adquiridos.

O CONFLITO entre moderno e tradicional atravessa os anos trinta sob o pano de fundo da necessidade histórica do Estado Novo construir um discurso nacionalista. Fenómeno similar se passou de resto por toda a Europa com a aproximação do quadro de guerra. Na arquitectura, os meios mais conservadores travaram o combate contra o «estilo internacional». Se este sobreviveu ao longo da década



(manifestando-se ainda ocasionalmente em projectos no início dos anos quarenta) foi porque teve guardada nos corredores do Poder. Porque, em certo sentido, ele foi a linha «oficiosa», ou tolerada, de homens como António Ferro, Duarte Pacheco e Cottinelli Telmo.

A primeira geração modernista viveu das encomendas estatais e a esse Estado ficou agradecida. A ovelha negra foi Cassiano. Por ser maçom? Duvidoso, até Carmona era maçom... E bem mais provável que a trascinabilidade, os desaguizados pessoais e o autoritarismo de Cassiano, para lá de invejas que outros pudessem alimentar, fossem os responsáveis principais pela ausência de encomendas públicas ao arquitecto. Aliás, ele aceita trabalhar para a exposição do Mundo Português em 1940 (embora em posição secundária) e é grande amigo, desde 1937, de Bissaya Barreto, confidente de Salazar.

Na protecção ao modernismo, António Ferro joga um papel essencial. Comentando a estreita de Revolução de Maio de Lopes Ribeiro, o dirigente cultural explanaria todo um programa: «Nada de películas de toucador e de alcôva, lânguidas e fastidiosas, com huares, galgos e cismes, (...) mas sim fitas que exaltem vibrantemente